

O “FÁCIL FILOSOFAR” D’A CIDADE E AS SERRAS, DE EÇA DE QUEIRÓS

Lucas do Prado Freitas¹

RESUMO

Partindo, sobretudo, das reflexões encabeçadas por Leonel Ribeiro dos Santos (2008) e Campos Matos (2019), e nos guiando pelas considerações de Pedro Schacht (2013), neste artigo, propomo-nos a analisar o sentido do discurso filosófico n’*A Cidade e as Serras* (1901), no que tange às conversas do narrador homodiegético Zé Fernandes com o protagonista Jacinto, definidas como exercícios filosóficos. Em especial, daremos enfoque ao episódio de Montmartre, ao nosso ver, melhor representativo do caráter das atividades filosofantes que marcam diferentes estágios da narrativa. Numa visita à construção da Basílica de Sacré Coeur, situada no ponto mais alto de Paris, as personagens d’*A Cidade e as Serras* travam um diálogo sobre a moderna urbe, o qual se estende e se aprofunda até a sua própria condição existencial de desamparo. Qualificado como um “fácil filosofar” pelo narrador, o trecho dissertativo é central e suficientemente contradiz o reconhecimento de uma tese favorável ao campo no romance, evidenciando o seu caráter polifônico e multidimensional. Investida de significados semióticos, a cena que ora analisamos envolve uma série de indagações filosóficas (epistemológicas, gnosiológicas, axiológicas, teológicas etc.), as quais atribuímos ao ceticismo queirosiano, qual seja, à manutenção da dúvida enquanto procedimento metódico de criação literária. Na obra em foco, o último Eça nos oferece um diagnóstico do paradigma sociocultural europeu finissecular, buscando confrontar as ideias e propiciar o reconhecimento da equipolência dos discursos então circundantes.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Eça de Queirós. Filosofia. Ceticismo.

1 Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina - UEL, lucas.prado.freitas@uel.br.

INTRODUÇÃO

Interessados na relação entre literatura e filosofia, dois campos do saber que revelam importantes pontos de intersecções e de interpenetrações, buscamos valorizar a presença da filosofia e de filósofos nos romances semipóstumos do último Eça, este visto como um escritor oitocentista que, pelo ensaísmo e o pelo comparativismo crítico, de modo tateante, procurou pensar o paradigma civilizacional europeu finissecular (REAL, 2006). Para tanto, partimos de reflexões encabeçadas por Leonel Ribeiro dos Santos (2008) e Campos Matos (2019), que argumentam sobre a proficuidade do estudo do tópico em questão na literatura queirosiana. Guiamo-nos, ainda, pelas considerações de Pedro Schacht (2013), fundamentais para a compreensão da relação do romancista com as ideias filosóficas que marcaram o seu tempo.

Este artigo deriva da dissertação de mestrado intitulada “Filosofia e antifilosofia no último Eça” (2021), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nele, propomo-nos a analisar o sentido do discurso filosófico n’*A Cidade e as Serras* (1901), no que tange às conversas do narrador homodiegético Zé Fernandes com o protagonista Jacinto, reiteradamente definidas como exercícios filosóficos. Em especial, damos enfoque ao episódio de Montmartre, descrito no Capítulo VI do livro. Ao nosso ver, ele seria o melhor representativo do caráter das atividades filosofantes que marcam diferentes estágios da narrativa, com ligeiras variações temáticas. Por conseguinte, na apreciação crítica desse entrecho, buscamos demonstrar aquilo que identificamos como a mais evidente expressão do ceticismo queirosiano, isto é, a manifestação de uma cosmovisão sumamente cética.

A obra *A Cidade e as Serras*, cujas provas não puderam ser totalmente revistas pelo autor, é frequentemente colocada ao lado de outras duas, *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Correspondência de Fradique Mendes* (ambas de 1900), pelas circunstâncias análogas de publicação póstuma e pelas suas reciprocidades temáticas, embora mantenham as suas particularidades. O fato é que essa tríade de romances semipóstumos acabou sendo lida pela crítica mais tradicional como resultado de uma manifesta desistência do escritor, ora engajado na crítica dos costumes e na revitalização da pátria, mais tarde, nos estertores do século, pessimista quanto às garantias do progresso técnico-científico e descontente com o rumo

que tomou as sociedades capitalistas modernas, votado, portanto, à simplicidade idílica do campo e às genuinidades da pátria.

Visões críticas assim, que se revelaram demasiadamente ideológicas, biografistas e parciais da literatura queirosiana, têm sido contestadas por estudos sérios, que buscam dar a atenção merecida aos semipóstumos, em consideração a toda a sua riqueza e multiplicidade de sentidos. No entanto, isso dependeu, primeiramente, da “desnacionalização” do último Eça e, ainda, da superação de uma percepção reducionista da produção finissecular do escritor, vista pela ótica do vencidismo ou do conceito de fradiquismo, ambos definidores de um Eça desiludido e resignado, cujas personagens (Carlos da Maia, Fradique Mendes, Jacinto Galeão e Gonçalo Ramires) transpareceriam apenas ociosidade e tédio, totalmente inaptas para a ação política e para a operacionalização de intervenções na realidade social.

Nossos estudos vão justamente no sentido de desmistificar essas ideias e propor leituras mais amplas e menos engessadas das obras semipóstumas, como *A Cidade e as Serras*, levando em conta toda a sua complexidade estrutural e conteudística. Para isso, apoiamo-nos na hipótese de que Eça de Queirós foi sempre cético, mantendo uma dúvida metódica desde a sua estreia como literato na *Gazeta de Notícias* e no *Distrito de Évora*. O ceticismo queirosiano deve ser compreendido como resultante de relevantes influxos intelectuais, que decorrem, enquanto substrato cultural, da recuperação e da revalorização do ceticismo antigo por Michel Montaigne (1533-1592) no contexto da contrarreforma (CONTE, 1996).

Em síntese, o termo ceticismo define uma corrente de pensamento iniciada por Pirro de Élis (360-270 a. C.) na Grécia Antiga, num contexto de acirradas disputas ideológicas (BROCHARD, 2009). Tendo surgido como alternativa às filosofias dogmáticas, o pirronismo representou um modo de vida pautado pela busca da tranquilidade e pela crítica à pretensão humana de obter uma verdade segura pela via da razão ou dos sentidos (SMITH, 2004). Contra o dogmatismo apaixonado, os cétricos buscaram valorizar a investigação rigorosa e demorada dos fatos, de modo a não ignorar nenhum ponto de vista e/ou pressuposto teórico envolvido numa discussão. Nesse sentido, o cético é aquele que, opondo conhecimentos antagônicos, compreende que ambos são igualmente válidos, ou seja, equipolentes. Por isso, ele se vê impossibilitado de adotar uma posição decisiva e de apontar qual desses conhecimentos se aproxima mais da verdade. Logo, ele se abstém de emitir uma opinião, para que possa

continuar investigando. Perante o equilíbrio de razões opostas, o cético suspense o juízo, preservando a dúvida e a sua liberdade de pensamento.

EXERCÍCIO FILOSÓFICO N'A CIDADE E AS SERRAS

A narrativa d'*A Cidade e as Serras* é cedida por José Fernandes de Noronha de Sande, que se diz o fiel amigo de Jacinto. A enunciação de uma tese favorável ao campo nessa obra decorreria do ponto de vista do narrador sobre a Paris finissecular, identificada como um lugar opressor, artificial, corrompido pelo modo de vida moderno e capitalista. A imagem negativa da cidade seria contraposta por uma imagem positiva das serras, tida como um espaço ideal e aquém das imoralidades citadinas. Nesse sentido, mesmo que de maneira dissimulada, o objetivo de José Fernandes no seu retorno à metrópole francesa, ocorrido após sete anos de estadia no Douro, será verificar em que termos vive o supercivilizado Jacinto.

Tendo em vista os juízos e os comentários do narrador, que, nas suas exposições, vai estabelecendo comparações e ressaltando diferenças, ganha contornos, na arquitetura do romance, uma superficial relação antitética entre campo e cidade. O narrador procurara demonstrar que a sua visão de mundo é a mais acertada e que o protagonista da história que nos conta se acha equivocado nas suas concepções de progresso e de felicidade. Assim, Zé Fernandes se empenha em confirmar, para o leitor, a validade da sua proposição, qual seja, de que é nas serras que o homem encontra maior satisfação e plenitude. No entanto, há vários motivos para duvidarmos do que nos é apresentado em primeira pessoa, segundo valores específicos.

A condição de narrador-personagem de Zé Fernandes eleva, evidentemente, a complexidade da leitura do romance. Constando, na narrativa, observâncias à sua malícia, notamos que dúvidas relativas ao discurso do narrador são suscitadas não apenas pelo seu direto envolvimento com o objeto narrado (assumindo, em alguns lances, a posição de personagem principal na narração homodiegética), mas também pelas estratégias discursivas que Zé Fernandes utiliza para ganhar a simpatia do leitor, incluindo determinadas ênfases, no próprio texto, de contradições e de imprecisões no relato (expressões como “parecia” e “se bem me recordo”, por exemplo), unicamente respaldado pela memória.

Jacinto é descrito como um rico homem de ascendência portuguesa que, no tempo das escolas do Bairro Latino, ficou conhecido pela

mocidade positiva como um devoto da ciência e do progresso civilizacional. Residindo na agitada Paris do fim do século, no seu 202, diante dos Campos Elísios, munido de toda sorte de tecnologias e mecanismos disponíveis, contando com uma vasta biblioteca, vivendo no mais opulento luxo e cercado das mais notáveis figuras parisienses, acha-se cada vez mais desanimado e incapaz de se desembaraçar do tédio. Melancólico e dominado pelo pessimismo, o amadurecido Jacinto passa a ver todos os seus deveres civilizacionais como uma grande massada. Até que, pela urgência familiar de sepultar esqueletos ancestrais descobertos por uma chuva torrencial, ele decide partir para as serras portuguesas na companhia de Zé Fernandes.

A viagem é cheia de desagradados e provações, de modo que os amigos chegam à estação de Tormes somente com as roupas do corpo e um velho *Jornal do Comércio*, sem o Grilo e sem as suas malas. Em Tormes, Jacinto se depara com toda a rusticidade do campo, em meio do qual, ao contrário do que inicialmente poderia acreditar, ele demonstra (segundo o narrador) sentir o reflorescimento da fome e da sede, enquanto sinais de renovação da capacidade de rir e de fixar novos objetivos. Jacinto se casa com Joanhinha e tem filhos, adiando sempre a volta à grande cidade. No entanto, ele não hesita em importar para as serras alguns confortos de Paris, como o telefone, ação que indica o sentido conclusivo do romance, que seria o do equilíbrio entre os ares benéficos do campo e a técnica da cidade. Contudo, a questão é mais labiríntica do que a síntese dialógica, e uma leitura mais aprofundada revela a impossibilidade de haver uma solução totalmente segura, isenta de dissabores e impasses.

Na relação com o supercivilizado Jacinto, Zé Fernandes busca se distinguir pelo seu suposto provincianismo autêntico, o que se traduz em linguagem e em comportamento. Por isso, ele tentará, na cidade, preservar a sua “genuinidade” serrana pela afirmação de valores campestres, temendo a contaminação proveniente do ambiente citadino. Fica-nos, no entanto, sempre a impressão de que ele está longe de ser um iniciado nas coisas da metrópole, ou completamente vulnerável às influências do meio urbano. Isso porque Zé Fernandes é estudado e viajado (foi ainda jovem para Paris, realizando, mais tarde, uma romaria pela Europa), demonstrando “saber muito mais do que seríamos levados a esperar pelo seu declarado currículo de universitário cábula” (SANTOS, 2008). No mais, seu discurso inclui várias referências e citações de clássicos da cultura ocidental, e a personagem revela uma forte consciência crítica das

realidades sociais da cidade e do campo – algo que, por vezes, destoa do seu declarado bucolismo.

No decorrer da narrativa, há dois longos diálogos que o narrador define como sendo filosóficos. Um na cidade e outro nas serras, cada qual voltado, mormente, para temas sugeridos pelo espaço em que ocorre. Aqui, como já apontamos, daremos enfoque à passagem de Montmartre, cujo pretexto é uma visita à Basílica de Sacré Coeur, ainda em construção. A exposição enunciativa que aí se desenrola é fundamental para a compreensão do modo como o último Eça lida, de maneira comparativista e cética, com as ideias e os discursos dominantes no seu tempo. Ao propiciar a contraposições de visões de mundo distintas, criando situações de fricção e de choque de ideias, o autor implícito parece visar àquilo que, na tradição cética, é chamado de isostenia, isto é, o equilíbrio de razões contrárias.

A princípio, devemos ter em mente que, n' *A Cidade e as Serras*, o último Eça trabalha, de maneira paródica, com o discurso filosófico-positivista, em voga na Paris da segunda metade do século XIX, e assim nos oferece um diagnóstico literário do contexto sócio-histórico europeu finissecular. No que se refere às ideias, registra-se um período de muito barulho e disputas ideológicas, em que predomina o sentimento de esvaziamento das alternativas civilizacionais e a busca de soluções materiais ou transcendentais, conforme analisou o próprio Eça no artigo jornalístico intitulado “Positivismo e Idealismo” (1893). Nesse texto, o cronista discorre sobre a crescente intolerância dos escolares franceses à “estrutura geral da sociedade contemporânea, tal como a [tinha] criado o positivismo científico” (QUEIRÓS, 1961, p. 191), e, concomitantemente a isso, a emergência de um espiritualismo religioso que ameaçava o livre-pensamento.

Nesse sentido, n' *A Cidade e as Serras*, o último Eça aborda mitos civilizacionais que marcaram de modo significativo o século XIX, quais sejam, a fé no desenvolvimento e na modernização urbana, vistos como fontes de ruptura com o passado e de renovação social, mas também a exaltação utópica do campo, agora tomado como um lugar de decompressão das angústias citadinas e de satisfação de anseios pessoais. Segundo essa ideia, a propriedade fundiária se acharia aquém do dramático espetáculo e da luta feroz que se desenrola na cidade, onde a sobrevivência, e mesmo o triunfo econômico-social, determina que o sujeito abandone valores mais tradicionais. O escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) dá centralidade à questão em *Le Père Gariot* (1835), romance no qual

Rastignac se digladiava com o grande monstro que é a cidade, procurando resistir às suas imposições e manter intacta a sua moral provinciana. Por fim, o intenso modo de vida metropolitano, como um sorvedouro, traga o jovem para o centro da malha de expectativas burguesas, e ele ambicionará o domínio das forças sociais, independentemente do custo que isso implique.

N'*A Cidade e as Serras*, esses temas vêm à tona mais de uma vez, sobretudo no episódio de Montmartre, o qual consideramos fulcral para a compreensão do ceticismo queirosiano e para a desmistificação da existência de uma tese favorável ao campo nessa obra. Descrita no Capítulo VI, a visão da urbe é epifânica, e a sua magnitude titânica sugere as impressões que serão enunciadas pelas personagens. Nota-se que a composição cenográfica dessa passagem é também investida de significados semióticos. O movimento de subida à Basílica, o ponto mais alto da capital francesa, revela a busca (algo irônica) de uma revelação.

Para o narrador, a cidade seria um espaço de baixezas e de materialismo, enquanto as serras, símile de monte/colina, seria um lugar de pureza e de elevação espiritual. A relação antagônica ora estabelecida entre os dois espaços, demasiadamente maniqueísta, para dizermos o mínimo, insinua-se a uma leitura não atenta à relação ponto-contraponto e ao distanciamento irônico do autor implícito relativamente aos juízos das suas personagens, especialmente no que tange a Zé Fernandes, que revela sucessivas ambivalências e contradições. O projeto da Basílica, na verdade, encontra-se esvaziado de espiritualidade – não poderia oferecer transcendência alguma. Como dirá o próprio Zé Fernandes, aquela iniciativa religiosa não lhes desperta interesse, porque “abafada em tapumes e andaimes, toda branca e seca, de pedra muito nova, ainda sem alma” (QUEIRÓS, 2012, p. 86).

Para aprofundarmos um pouco mais nessa questão, em *Paris, capital da modernidade* (2015), tratando das renomadas transformações urbanas processadas na capital do Segundo Império francês, determinadas por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), gestor da cidade entre 1853 e 1870, David Harvey mostra como a Basílica de Sacré-Coeur se tornara símbolo de reacionarismo político-religioso e de dominação ideológica. Conforme explica Harvey, o empreendimento decorreria de uma aliança poderosa entre o monarquismo e o catolicismo autoritário, em resposta aos entusiasmos revolucionários e anticlericais da violentamente reprimida Comuna de 1871. A igreja seria, portanto, o mausoléu que abrigaria o espírito de 1789, mas também dos *communards* assassinados na

chamada “Semana Sangrenta”, representando o fanatismo e o autoritarismo religioso. No romance, é exatamente nesse espaço que sucede o primeiro diálogo filosófico das personagens de *A Cidade e as Serras*.

O discurso de Zé Fernandes sobre a cidade toma boa parte do capítulo, envolvendo sucessivas e crescentes investidas contra a civilização de Jacinto, segundo um chasquear (conforme caracteriza o narrador) que, supostamente desprezioso, revela a intensão de convencimento. As questões filosóficas abordadas nesse entrecho dissertativo são várias, e de ordem epistemológica, axiológica, teológica e genológica, por exemplo. Pela brevidade deste artigo, buscaremos dar relevo àquelas que consideramos de maior peso, justamente pela sua recorrência na obra queirosiana da última fase. De início, destacamos a justaposição de gêneros textuais, o romance e o ensaio, enquanto um traço de ceticismo genológico, o que pode ser entendido como a manutenção da dúvida perante determinações e padrões estético-formais arbitrários. A transgressão de limites genológicos, algo recorrente em Eça de Queirós, envolve uma consciência da convencionalidade e da artificialidade da linguagem, assim como coloca em evidência um jogo de tensões entre formas de expressão e campos de saberes, à época, tidos como contrários.

No parágrafo introdutório à avaliação crítica de Zé Fernandes, o protagonista Jacinto se encontra exatamente na borda do terraço de Montmartre, observando a vasta metrópole que se estende a seus pés. O narrador, por sua vez, diz: “Então chasqueei risonhamente o meu Príncipe. Aí estava pois a Cidade, augusta criação da Humanidade! Ei-la aí, belo Jacinto! Sobre a crosta cinzenta da Terra – uma cama de calça, apenas mais cinzenta!” (QUEIRÓS, 2012, p. 86). Observada de longe, a magnífica cidade, bem como a sua dinâmica, é percebida de maneira superficial e reduzida a uma mancha cinzenta, enquanto os restos de uma edificação arruinada. Notemos, desde já, que o narrador é seletivo na sua descrição, sublinhando apenas o que os seus olhos podem (ou querem) ver, segundo os seus preconceitos, opiniões e crenças pessoais.

Temos que o entendimento da complexidade da cidade implica um mergulho nas suas profundezas, uma penetração nos seus órgãos mais internos, como será o “Jantar no 202”, em que se vê o coração da alta sociedade e mesmo a humanidade do narrador, no que diz respeito aos seus ressentimentos e inseguranças. O resgate do peixe no ascensor, que mobilizará todos os convivas da festa, propicia um instante de comunhão e de descompressão. O envolvimento dos representantes da alta sociedade parisiense, especialmente de um grão-duque, que logo se prontifica

para resgatar o peixe e salvar o jantar, é a mais explícita manifestação de humanidade. Algo assim é suficiente para contradizer o que afirma Zé Fernandes em Montmartre, quando diz que, na cidade, “o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião...” (QUEIRÓS, 2012, p. 89).

No seu moralismo bucólico (ele assim caracteriza o seu discurso), Zé Fernandes é incapaz de enxergar que, na cidade, também há contentamentos e prazeres, não obstante a “batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugidia rodela de ouro!” (QUEIRÓS, 2012, p. 88). Ele mesmo, por intermédio de Jacinto, irá usufruir dos entretenimentos citadinos e dos benefícios de uma vida parisiense luxuosa. Por conseguinte, como resposta à crítica *fernândica*, Jacinto se limita a oferecer respostas lacônicas: “– Sim, com efeito, a Cidade... É talvez uma ilusão perversa!” (QUEIRÓS, 2012, p. 89). Entendemos que o seu “talvez” indeciso, ou meramente retórico, é uma forma de preservar a dúvida frente ao juízo e/ou opinião que lhe são impostas. Vê-se, nesse caso, um distanciamento da personagem, algo manifesto em todas as vezes que ele contradiz ou resiste ao discurso do narrador.

Na sequência, após reduzir as suas ideias a um “fácil filosofar” (QUEIRÓS, 2012, p. 89), Zé Fernandes investe na defesa da plebe. Notamos, a partir desse ponto, algo divergente da exposição inicial, chamada de moralismo bucólico. Dirá a Jacinto: “A tua Civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá, nesta amarga desarmonia social, se o Capital der ao Trabalhador, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene!” (QUEIRÓS, 2012, p. 90). O trecho, pela sua tônica renovada, sugere uma manifestação do autor implícito, assim como em outros lances em que se falará da miséria no campo ou se realçará, por intermédio de personagens secundários, os valores anacrônicos de Zé Fernandes. Não havendo apenas apatia na sociedade parisiense oitocentista finissecular, mas também divertimentos e satisfações, ainda que breves, não se pode deixar de reconhecer que, no inverno, enquanto a classe mais favorecida patina nos lagos congelados do Bosque de Bolonha, ostentando casacos pomposos, “criancinhas gelam nos seus trapos” (QUEIRÓS, 2012, p. 90).

A crítica à burguesia, que triunfa alheia aos “prantos dos Humanitários, os raciocínios dos Lógicos, as bombas dos Anarquistas” (QUEIRÓS, 2012,

p. 91), leva as personagens a filosofarem sobre a existência de uma entidade superior salvadora, o que resulta em total descrença. Ao fim, ao ser indagado sobre a veracidade da Bíblia, Jacinto dirá não saber a resposta. O fato é que as ideias discutidas, que aparecem como verdades incontesteáveis, acabam dissolvidas: “Ainda rondamos no terraço, espalhando pelo ar outras ideias sólidas que no ar se desfaziam” (QUEIRÓS, 2012, p. 92). A insinuação de dúvidas epistemológicas, o entrechoque de posições axiológicas distintas e o questionamento teológico terminam sem resolução, isso porque, n’*A Cidade e as Serras*, haja vista o reconhecimento da equipolência dos discursos, nada se conclui – o mais importante é levantar suspeitas, gerar incertezas e provocar reflexões.

No seu distanciamento, enquanto ligeiras piscadelas de olho, o autor implícito sinaliza que os discursos em cotejo não devem ser tomados como verdades totalmente seguras. E isso fica explícito, também, na negação, por parte do protagonista, das abstrações do narrador. Na cena subsequente, Maurício de Mayolle, falando do seu “diletantismo estonteado”, da sua dispersão pelas várias ideias em circulação durante a sua juventude, faz Jacinto lembrar o “passado arcaico, quase lacustre”, das discussões nas cervejarias, em que “Reinava Wagner e a Mitologia Édica...” (QUEIRÓS, 2012, p. 93-94). A personagem cita, então, como substitutas dessas ideias ultrapassadas, uma série de correntes de pensamento já experimentadas por ele, conforme descobrimos mais adiante: “- O desenvolvimento supremo da Vontade!... Teosofia, Budismo esotérico... Aspirações, decepções... Já experimentei... Uma maçada!” (QUEIRÓS, 2012, p. 96).

Ao ter saboreado todas as novidades em matéria filosófica, quer dizer, todas as certezas e decepções que o século lhe poderia oferecer, Jacinto é incapaz de aderir tão facilmente à concepção *fernândica* da cidade, isso porque sabe do caráter antiquado do seu moralismo bucólico, mas também porque já não crê tão convictamente em dogmatismos, isto é, em filosofias/teorias que prometem a felicidade e a resolução dos problemas sociais/individuais. Exatamente no final do capítulo em questão, após as personagens deixarem Montmartre e descerem no Bois de Boulogne, para um *bock*, o narrador concluirá o seguinte: “- Pois venha agora para a minha rica sede esse vinhozinho gelado! Grandemente o mereço, caramba, que superiormente filosofei!... E creio que estabeleci definitivamente no espírito do sr. d. Jacinto o salutar horror da Cidade!” (QUEIRÓS, 2012, p. 96). Contudo, o que se vê em seguida é bem diferente disso.

Jacinto, após pedir duas caras garrafas de Champagne St. Marceaux, água de Evian e Bussang, e um *bock* (sintomático da sua tendência dispersiva e gosto requintado de homem civilizado), expõe as suas meditações: “- Pois estou com vontade de construir uma casa nos cimos de Montmartre, com um miradouro no alto, todo de vidro e ferro, para descansar de tarde e dominar a Cidade...” (QUEIRÓS, 2012, p. 97). Sua fala, posta em discurso direto, sugere o mesmo ímpeto de Rastignac, ao final de *Père Gariot*, quando olha por sobre a cidade e a desafia:

Lançou sobre a colmeia zunindo um olhar que parecia de antemão extrair-lhe o mel, e disse estas palavras grandiosas:

- Agora, como nós dois!

E como primeiro ato do desafio que lançou à Sociedade, Rastignac foi jantar na casa da sra. de Nucingen (BALZAC, 2015, p. 289).

Jacinto também desafia novamente a cidade, porque a sua visão lhe desperta a ânsia de domínio, e ele insistirá, novamente, redobrando o empenho no acúmulo de civilização, na renovação das suas metas pessoais. Porém, no fundo, sabe que isso é inútil. Daí advém o seu tédio, o sentimento fáustico da impotência e da incapacidade do sujeito moderno de refazer a metafísica de um mundo dessacralizado e agonizante. A ida para as serras representaria, de alguma maneira, uma resistência ao pessimismo ambiente e à descrença total. Com Jacinto, vemos que o pensamento tece as teias em que se enrosca, sendo importante estarmos atentos à percibibilidade das ideias peremptórias e a seu caráter alienante. Nesse sentido, a dúvida é uma proteção contra o dogmatismo cego e as proposições axiomáticas, mantendo o sujeito sempre ativo e em busca de terrenos mais sólidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia, tal como compreendida pelos pensadores céticos, é uma atividade intelectual de contínua busca da verdade. Mesmo duvidando da possibilidade de encontrá-la, o cético nunca encerra a sua busca. Para evitar incorrer em equívocos, ele tem como procedimento básico opor a cada proposição uma outra de mesmo valor, o que lhe permite, invariavelmente, compreender que ambas são contingenciais e transitórias. Agindo assim, ele preserva a sua liberdade de pensamento e protege a dúvida, que é um antídoto contra a doutrinação e a desesperança. Entendemos

o ceticismo queirosiano nesses termos, como uma estratégia metódica, aplicada contra a sujeição da realidade social a princípios dogmáticos preconcebidos. A dúvida cética não precisa, necessariamente, refletir problemas epistemológicos insolúveis, ela pode ser usada com parcimônia, a fim de oportunizar um avanço mais seguro no campo das ideias e viabilizar um modo de vida mais saudável.

A valorização da filosofia no último Eça nos revela uma capacidade de reinvenção da literatura do seu tempo, que se torna muito menos restrita, porque dialogada, multifacetada e aberta a interpretações. Trata-se de uma literatura ciente das suas contradições e paroxismos, por isso mesmo afeita à complexidade do real. Eça exprime uma consciência lúcida da experiência agônica do homem moderno, que vivencia cotidianamente a dissolução de absolutos – na política, nas crenças, na moral e em si mesmo, desintegrado, disperso e desiludido da sua superioridade. Jacinto mostra uma subjetividade em processo de construção. Sendo uma personalidade dispersa, motivada por interesses vários, a dissipação do seu pessimismo, ao nosso ver, explicasse-se menos pela ida às serras e mais pela capacidade de reexaminar crenças pessoais e reestruturar o seu mundo, mesmo sabendo da precariedade desse mundo.

O último Eça, dessa forma, mostra-se aberto a repensar os seus próprios enganos, incluindo aqueles mitos e ideais que seduziram a sua geração. Para tanto, não lhe interessa fazer a defesa de uma tese favorável, ou não, à modernidade. Entendemos que o seu intento nos semipóstumos, especialmente n' *A Cidade e as Serras*, foi examinar os discursos em jogo, num momento de muito barulho e de procura de aluminações transcendentais, quando se constata a insuficiência da erudição e a escassez de saídas viáveis. Acreditamos que o que sempre levou Eça a continuar escrevendo foi a dúvida de quem, sob todas as incertezas, confia na existência de algo para além das coisas. Entre o efêmero e o instável, o escritor encontrou alguma convicção no livre-pensamento e na realização da palavra.

Nas nossas pesquisas, compreendemos que a sua luta, se assim podemos dizer, foi contra as formas alienadoras e imobilizadoras da razão, e o seu o ceticismo, que não foi puramente negação e destruição, revela uma instância criadora interessada na fundação de terrenos mais seguros para o conhecimento. A literatura, incluindo as suas formas de expressão, constitui instrumento e suporte legítimo de reflexão, já que o processo de escrita e de leitura é provocativo, gerador de inquietações e discussões que, por vezes, não ficam circunscritas a um único tempo.

Não é raro, na leitura do último Eça, sentirmos estar experienciando os mesmos embaraços do final do século XIX. Paradoxalmente, entediados e ansiosos perante a ação do tempo, permanecemos lidando com embustes ideológicos muito similares e caindo, outra vez, em velhos enganos.

REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré. **O pai Gariot**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

BROCHARD, Victor. **Os cétricos gregos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

CONTE, Jaimir. **Montaigne e o ceticismo**. TCC (Graduação em Filosofia), 1996. – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

MATOS, A. Campos. **Por entre névoa e realidade – Eça e a Filosofia**. Braga: Humus, 2019.

_____. **Notas contemporâneas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.

FREITAS, Lucas do Prado. **Filosofia e antifilosofia no último Eça**. 2021. 163f. Trabalho de Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

QUEIRÓS, Eça de. **A relíquia**. Rio de Janeiro: Ediouro/ São Paulo: Publifolha, 1997. (Biblioteca Folha; 6).

_____. **Notas contemporâneas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. **A cidade e as serras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso).

REAL, Miguel. **O último Eça**. Lisboa: QUIDNOVI, 2006.

SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Coleção Passo-a-Passo)

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Eça de Queirós e a Filosofia, ou o artista enquanto pensador. In: **Melancolia e Apocalipse, Estudos sobre o pensamento português e brasileiro**. Lisboa: IN-CM, 2008.

SCHACHT, Pedro. **Filósofos de trazer por casa – Cenários de apropriação da Filosofia em Almeida Garrett, Eça de Queirós e Machado de Assis**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.